

A inserção da agricultura do Paraná no mercado internacional entre 2000 e 2011

The inclusion of Agriculture products of Paraná in international market between 2000 and 2011

Lediany Freitas de Campos¹
Mirian Beatriz Schneider Braun²

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a inserção da agricultura paranaense no mercado externo, de 2000 a 2011. Foi utilizado o método estatístico descritivo, a partir de dados secundários, como Alice Web, Comtrade, Iparde, dentre outros. Constatou-se que o Paraná tem, em média, cerca de 50% das suas exportações baseadas em produtos agrícolas, tendo aumentado para 64,01% em 2011. Doze principais produtos representam em torno de 90% das exportações agrícolas e em 2011 foram responsáveis por 56,42% da exportação total. Quanto aos mercados de destino, a União Europeia perdeu participação para a Ásia, com grande destaque para a China. O produto A – soja em grãos, mesmo triturados - se destaca como o mais importante na pauta de exportação do Estado. A agricultura aumentou a participação nas exportações do Paraná e o Estado perdeu participação na exportação agrícola nacional.

Palavras chave: Comércio exterior. Agricultura. Exportação paranaense.

ABSTRACT

The aim of this study was to analyze the inclusion of agriculture of Paraná in external market, 2000-2011. One used descriptive statistical method, based on secondary data, Alice Web, Comtrade, Iparde. It was found that the Paraná has, on average, about 50% of its exports based on agricultural products and increased to 64.01% in 2011. Twelve major products represent around 90% of agricultural exports and in 2011 accounted for 56.42% of total exports. As for the target markets, the European Union decreased share to Asia, with great emphasis to China. The product A - soybeans, whether or not broken - stands as the most important in the export of the State. The agriculture increased its share in exports of Paraná and the State decreased share in national agricultural exports.

Key words: Foreign trade. Agriculture. Export of Paraná

JEL: F1

¹ Doutoranda em Economia na UFMG/CEDEPLAR. Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela UNIOESTE. Graduada em Economia pela UEM. E-mail: ledianyfc@cedeplar.ufmg.br

² Doutora em História Econômica pela Universidade de Léon : professora do Colegiado de Ciências Econômicas e do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio Economia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná- Campus de Toledo. E-mail: mirian-braun@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O agronegócio é a área pujante da economia paranaense, tanto pelo seu desempenho por si só, como pela sua capacidade de dinamizar a economia, impulsionando outros setores. Ademais, representa o pilar de sustentação para o saldo positivo da balança comercial brasileira obtido na última década.

O Estado do Paraná é tradicionalmente um grande produtor e exportador de *commodities*, tendo sua base econômica fundamentada nas atividades agropecuárias. O Estado obteve, a partir de meados dos anos de 1970, fortes incentivos à modernização da agricultura, atraindo atividades industriais direcionadas ao processamento da agropecuária, transformando o setor em uma importante fonte de geração de emprego e renda.

Segundo o IPARDES (2010), a atividade agropecuária expandiu, em anos recentes, a sua ocupação do território paranaense, pois, anteriormente, apenas os solos mais férteis eram utilizados, até que outras atividades passaram a utilizar solos novos e menos favoráveis. Essa expansão levou a atividade agropecuária a representar cerca de 80% das terras do Paraná, sendo que 66% da extensão territorial são ocupados pela agricultura e 14% pela pastagem.

O Paraná é a quinta maior economia do país, com um PIB superior a R\$ 250 bilhões em 2011, sendo o agronegócio responsável por 35% deste valor. O Estado responde por 18% da produção de grãos do Brasil e apresenta uma produtividade média acima da nacional. É o maior produtor de milho, feijão e cevada, e o segundo maior produtor de soja, trigo, aveia e centeio. As exportações representam cerca de 10% do PIB paranaense; o Estado é o terceiro maior exportador do agronegócio brasileiro (FAEP, 2013; APEX-BRASIL, 2013).

Diante do exposto, este trabalho tem por objetivo analisar a inserção da agricultura paranaense no mercado externo, considerando o período de 2000 a 2011. Para tanto, o trabalho foi dividido em cinco seções contando com esta introdução. A seção 2 apresenta uma contextualização nacional do setor exportador. A seção 3 apresenta a metodologia utilizada para tratar dos produtos agrícolas exportados pelo Paraná. A quarta seção aborda os resultados e discussões. Por fim, as considerações finais.

CONTEXTUALIZAÇÃO NACIONAL

De acordo com dados do MDIC (2012b), as exportações brasileiras não apresentaram um crescimento muito alto no início do período aqui abordado, sendo que o crescimento de 2001, em relação ao ano de 2000, foi de 5,75%, e o do ano seguinte foi de 3,69%. Era de se esperar uma alta mais significativa a partir do ano de 2000, uma vez que a economia brasileira passou por um processo de alteração do regime cambial entre o final de 1998 e início de 1999. A taxa de câmbio manteve-se valorizada desde a implantação do Plano Real, em julho de 1994, até dezembro de 1998 (IPEADATA, 2012), sendo uma ferramenta que também era utilizada para controlar a inflação.

Nesse período, as transações correntes foram se deteriorando e as divisas foram se esgotando, com reflexos também das crises asiáticas da Tailândia em 1997 e da Rússia em 1998. Nem as altas taxas de juros praticadas pelo governo foram capazes de conter a fuga de capitais que, segundo Gremaud *et al.* (2009), se intensificou entre dezembro de 1998 e janeiro de 1999, e as reservas internacionais ultrapassaram a perda de US\$ 1 bilhão/dia. Desta forma, em janeiro de 1999, o

governo adotou o sistema de câmbio flutuante, abandonando o sistema de bandas. Iniciou-se, então, um processo de desvalorização cambial. Conforme dados do IPEADATA (2012), já nos primeiros meses a desvalorização foi cerca de 60%, o câmbio passou de R\$ 1,20 por dólar em dezembro de 1998, para R\$ 1,91 por dólar em fevereiro de 1999. Em dezembro de 2000, o câmbio fechou a R\$ 1,96 por dólar. Em outubro de 2001, atingiu a taxa de 2,74 (R\$/US\$) e bateu recorde absoluto em outubro de 2002 com uma taxa de 3,80 (R\$/US\$).

Afora a desvalorização cambial, Piccinini e Puga (2001) destacam alterações favoráveis na política de promoção às exportações, ocorridas no final da década de 1990 com reflexos no início dos anos 2000, como o aumento nos financiamentos concedidos pelo BNDES por meio do programa BNDES-exim (antigo Finamex) e fortalecimento do seguro de crédito com a instauração da SBCE (Seguradora Brasileira de Crédito à Exportação). Ademais, novas firmas estrangeiras entraram no mercado favorecendo determinados setores exportadores e outras já existentes melhoraram as estratégias de comércio exterior, dinamizando os produtos e os mercados de destino desses setores.

Todavia, segundo Markwald e Puga (2002), alguns problemas podem explicar o baixo crescimento das exportações do país após a desvalorização a partir de 1999, tais como: desoneração tributária incompleta; custo de financiamento elevado; falta de investimentos direcionados às exportações; diversificação reduzida de mercados e produtos; número baixo de empresas exportadoras; burocracia excessiva; exportações industriais de baixo teor tecnológico; falta de uma cultura exportadora; protecionismo dos países desenvolvidos; ausência de coordenação das ações governamentais.

Além disso, os anos de 2001 e 2002 foram novamente afetados por crises. Em 2001, a economia brasileira sofreu um choque externo em termos comerciais, em termos de financiamento, saída de capitais e expectativa, decorrente da crise Argentina. De acordo com o MDIC (2012a), as exportações do Brasil para o Mercosul reduziram 47% em 2002, pois o maior parceiro comercial do Brasil com o Bloco entrou em crise em 2001. Segundo Gremaud *et al.* (2009), o mercado internacional passou por outra turbulência no mesmo ano: o ataque ao *World Trade Center*, em 11 de setembro. Este choque provocou perturbações, sobretudo na bolsa de valores de Nova Iorque, gerando incertezas quanto à trajetória da economia americana e, por conseguinte, da economia mundial. No âmbito interno, o Brasil ainda passou por uma crise energética e por uma crise de confiança do “Efeito Lula”.

Já em 2003, as exportações brasileiras obtiveram um crescimento mais elevado atingindo 21,12%, passando para 32,07% em 2004 e seguindo com variações positivas em torno de 17% e 23% até 2008 (MDIC, 2012b). Segundo Ribeiro (2009) e Markwald e Ribeiro (2005), diversos fatores explicam esse desempenho, entre eles: a recuperação e forte aumento dos preços internacionais de várias *commodities* da pauta de exportação brasileira, como grãos e minérios; a intensa propagação do comércio mundial, sobretudo em 2003 e 2004; a forte desvalorização cambial, intensificada entre 2002 e 2005; a diversificação da pauta exportadora; a competitividade elevada das firmas brasileiras, posterior às reformas estruturais do início da década de 1990, como liberalização comercial, privatização e desregulamentação, tendo o ambiente competitivo aumentado a produtividade das empresas nacionais; o processo de modernização do agronegócio por meio de pesquisa, mecanização, tecnologia e expansão da fronteira agrícola, resultando no agronegócio brasileiro exportado em mais quantidade e melhor qualidade.

Também como conjuntura nacional, o BACEN (2013) aponta que em 2004 foi criada a Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior (PITCE), com o intuito de ampliar o investimento e a produtividade das firmas nacionais para melhorarem a atuação no mercado externo. Em 2005, muitos pontos previstos na PITCE foram implementados, e foram desembolsados valores mais altos pelas linhas de apoio ao setor exportador como o BNDES-Exim e o Programa de Financiamento às Exportações (Proex). Em 2007, foi lançado o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) com medidas diretas e indiretas às exportações, como desoneração fiscal para investimentos em infraestrutura logística.

O desempenho positivo das exportações foi interrompido com a crise de 2008. Em 2009, as exportações brasileiras apresentaram uma queda de 22,71% em relação ao ano anterior, sendo que de 2003 a 2008 a taxa média de crescimento anual foi de 21,97%. Como descreve Ribeiro (2009), a crise de 2008 teve como principais consequências a queda rigorosa dos preços internacionais das *commodities*, a retração na atividade econômica dos países desenvolvidos e a interrupção do fluxo de financiamento internacional. O autor destaca que a queda abrupta nos preços internacionais das *commodities* ocorreu só a partir de setembro de 2008, pois até as vésperas da crise esses preços atingiram altas incríveis, não só das *commodities* agrícolas como também do petróleo que teve um salto de quase 100% em relação aos doze meses anteriores.

O crescimento do valor exportado foi puxado, desde 2005, pelo índice de preços das exportações, que já vinha a alguns anos crescendo a taxas em torno de 10% a 12%. Porém, no início de 2008, esses preços passaram a crescer a taxas surpreendentes, em torno de 30% em doze meses. Entre setembro de 2007 e setembro de 2008, a alta nos preços de exportação foi de 36%, enquanto o volume (*quantum*) apresentava um crescimento cada vez menor e declinou no final de 2008. Portanto, antes de iniciar a crise, principalmente no ano de 2008 nos meses que antecederam o estouro da bolha, foram os ganhos nos preços que sustentaram as exportações brasileiras. Quando os índices de preços recuaram abruptamente, com queda de 24,4% entre setembro de 2008 e março de 2009, o volume exportado declinou ainda mais, o que resultou numa queda intensa e veloz do valor exportado (RIBEIRO, 2009).

Apesar do desempenho ruim das exportações em 2009, dados do MDIC (2012b) mostram que o saldo da balança comercial continuou positivo, em virtude da forte queda observada também nas importações e da intervenção do governo. O crescimento das exportações foi retomado já em 2010, contudo, as importações cresceram bem mais que as exportações nesse mesmo ano, resultando em um saldo comercial inferior ao saldo atingido no ano de 2003, ou seja, ocorreu um retrocesso de sete anos no saldo comercial brasileiro. Em 2011, as importações cresceram menos que as exportações, elevando o saldo da balança comercial em 47,89% em relação a 2010, mas, ainda assim, o nível permaneceu inferior aos saldos atingidos desde 2004.

Quanto à participação paranaense, o Estado exportou em 2000 um total de US\$4,4 bilhões representando 7,97% das exportações brasileiras, chegou a representar 9,78% em 2003, ficou alguns anos na casa dos 7% e caiu para 6,79% de participação nas exportações nacionais no ano de 2011, totalizando um valor de US\$15,2 bilhões, o que de qualquer forma representa um crescimento importante. Em média, no período dos doze anos analisados, o Paraná representou 8,19% do total exportado pelo Brasil (MDIC, 2012b).

METODOLOGIA

A pesquisa está baseada no método estatístico descritivo, com dados secundários obtidos em plataformas oficiais, nacionais e internacionais, como Alice Web, Comtrade, Iparides, dentre outros, representados na forma de tabelas e gráficos que norteiam a análise realizada. Para tratar das exportações agrícolas paranaenses em uma análise estatística, se levou em consideração a normatização do Acordo Agrícola oriundo da Rodada Uruguai, porém, com algumas particularidades. Conforme o MAPA (2012), o Acordo Agrícola considera como produtos agrícolas os seguintes capítulos do Sistema Harmonizado (SH): 1 ao 24 (com exceção dos pescados e seus produtos derivados), e partes dos capítulos 29, 33, 35, 38, 41, 43, 50, 51, 52 e 53. Neste trabalho, a menção aos produtos agrícolas refere-se apenas aos capítulos 1 ao 24 como um todo.

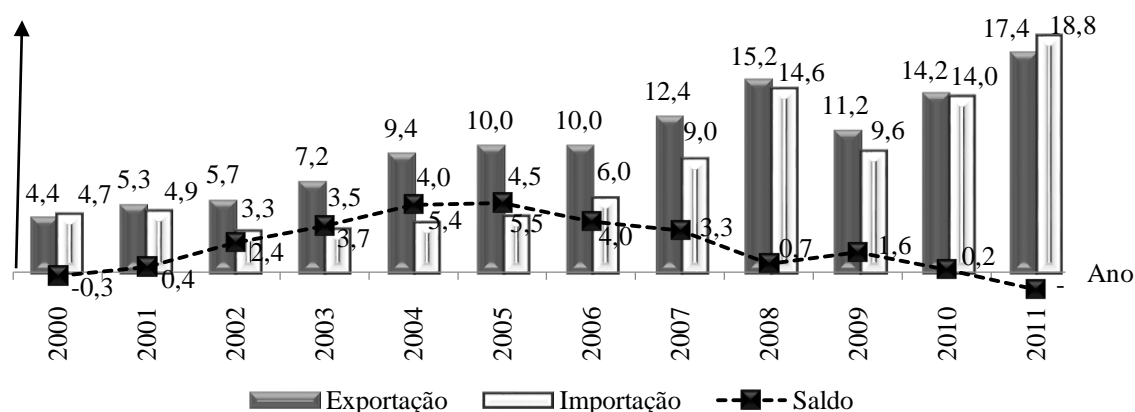
Dentre os 24 capítulos agrícolas apresentados, alguns produtos específicos se destacam nas exportações do Paraná. Foram selecionados os 12 produtos que mais apareceram entre os principais de cada ano, de 2000 a 2011 (MDIC, 2012a). Desta forma, os principais produtos agrícolas exportados pelo Paraná selecionados neste estudo são: **A** - Outros grãos de soja, mesmo triturados; **B** - Bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja; **C** - Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado; **D** - Carnes de galos/galinhas, não cortadas em pedaços, congeladas; **E** - Açúcar de cana, em bruto; **F** - Café solúvel, mesmo descafeinado; **G** - Pedaçõs e miudezas, comestíveis de galos/galinhas, congelados; **H** - Milho em grão, exceto para semeadura; **I** - Óleo de soja, refinado, em recipientes com capacidade >5L; **J** - Café não torrado, não descafeinado, em grão; **K** - Outras carnes de suíno, congeladas; **L** - Álcool etílico não desnaturado com volume alcoólico $\geq 80\%$. Esta é a legenda, de A a L, considerada para os gráficos a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O desempenho geral do comércio exterior paranaense no decorrer dos anos de 2000 a 2011 pode ser observado pelo Gráfico 1, o qual apresenta a balança comercial do Paraná para o período abordado.

Gráfico 1 – Balança comercial do Paraná, de 2000 a 2011, em Bilhões de US\$ F.O.B.

Bilhões de US\$

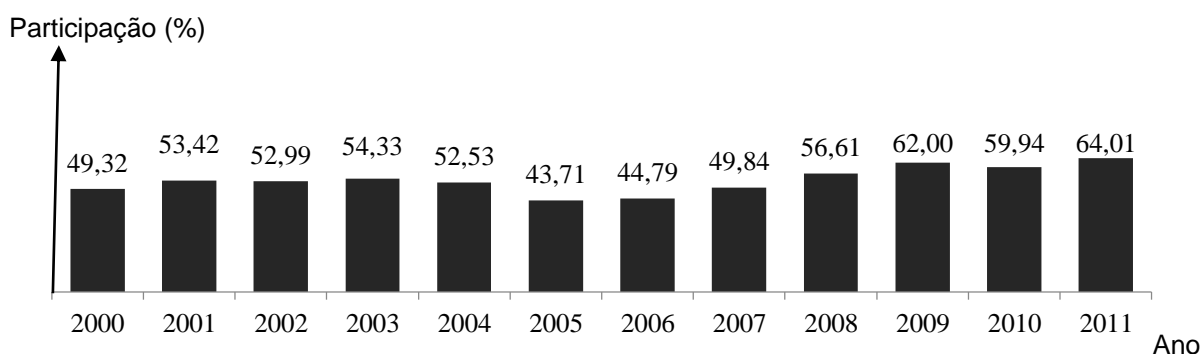


Fonte: Elaboração própria, com dados do MDIC, 2012b.

Verifica-se que as exportações totais do Estado seguiram uma trajetória ascendente de 2000 até 2008. Em 2009, as exportações apresentaram uma queda e recuperaram o crescimento no ano seguinte. As importações estavam altas no início do período, levando a um saldo negativo para a balança comercial no ano de 2000. Em 2001, o saldo voltou a ser positivo, contudo, a partir de 2005, a taxa de crescimento das importações passou a ser superior à das exportações, reduzindo o saldo da balança comercial. Em 2011, mesmo com as exportações apresentando uma variação positiva, o crescimento das importações foi mais elevado e o saldo da balança comercial ficou ainda mais negativo do que o observado no ano de 2000.

A importância da agricultura para as exportações do Estado pode ser observada pelo Gráfico 2. Nota-se uma elevada participação ao longo dos doze anos analisados. Em 2000, as exportações agrícolas já representavam 49,32%, atingiram um mínimo de 43,71% em 2005 e seguiram trajetória ascendente batendo recorde em 2011, com participação de 64,01%. A participação média de 2000 a 2007 foi de 50,12% e de 2008 a 2011 foi de 60,64%. No decorrer dos doze anos, a participação média foi de 53,62%.

Gráfico 2 - Participação das exportações agrícolas paranaenses nas exportações totais do Paraná (Em percentual), 2000-2011



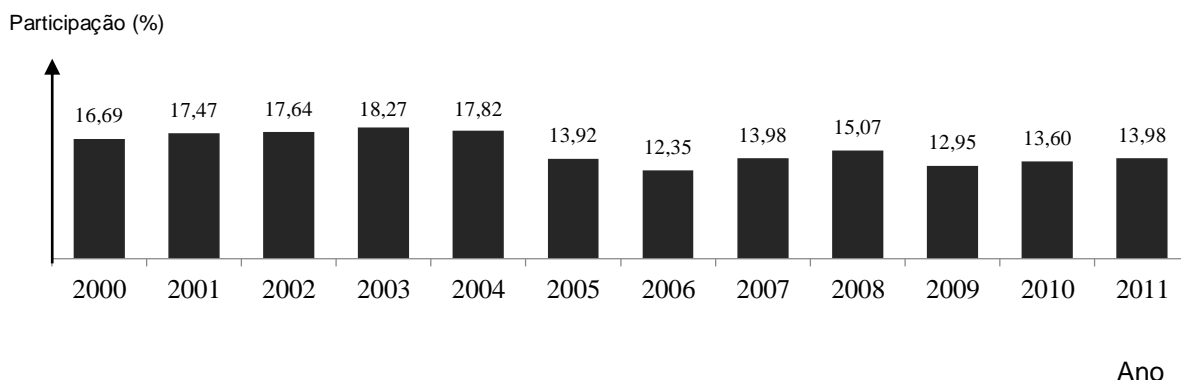
Fonte: Elaboração própria, com dados do MDIC, 2012a.

A participação da agricultura no total exportado pelo Paraná aumentou em 2009, apesar do valor exportado ter retraído nesse mesmo ano. O fato é que as exportações dos outros setores (não agrícolas) reduziram ainda mais, o que elevou a participação do setor agrícola nas exportações gerais para 62% em 2009. De acordo com Ribeiro (2009), a forte redução do crédito internacional, provocada pela crise de 2008, tende a prejudicar em maiores proporções o comércio de bens de consumo duráveis e de bens de capital, haja vista que os bens de base agrícola têm uma relação mais inelástica com a renda.

O Paraná se destaca na composição das exportações agrícolas nacionais. O Gráfico 3 mostra a participação das exportações agrícolas paranaenses nas exportações agrícolas brasileiras, de 2000 a 2011. Verifica-se que, de 2000 a 2004, o Paraná manteve uma participação ao redor de 17%; em 2005, ela recuou e esteve entre 12% e 15% até 2011, sendo a média desses últimos sete anos de 13,69% contra uma média de 17,58% para os primeiros cinco anos. No período todo, a média de participação foi de 15,31%. Houve, a partir de 2005, uma expansão da produção de soja (principal produto exportado pelo Paraná) em áreas do Centro-Oeste brasileiro, áreas afastadas do litoral, que causou um deslocamento dos corredores de

exportação. O Paraná, então, perdeu participação relativa na exportação nacional, e Estados como Mato Grosso e Goiás aumentaram a participação.

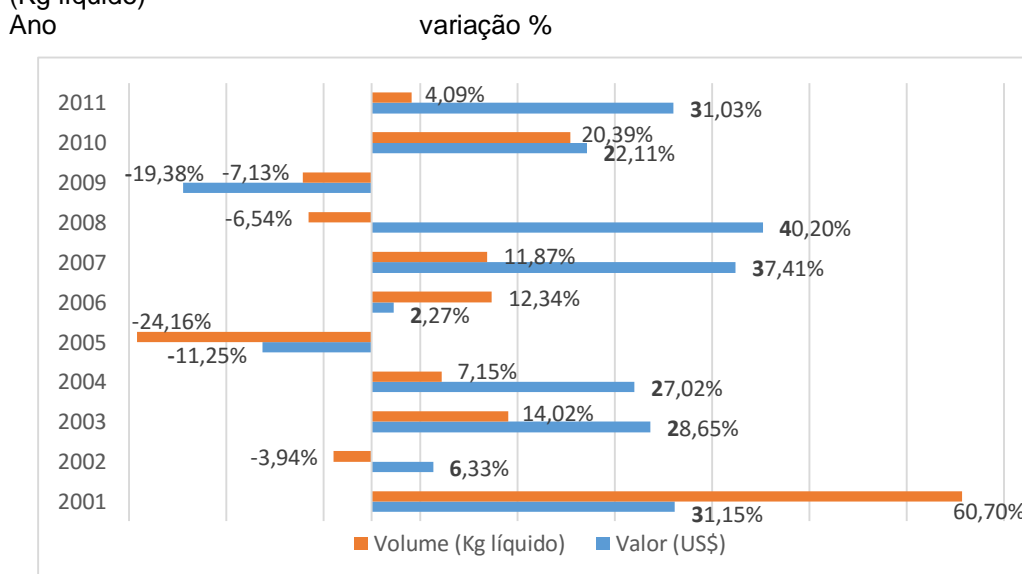
Gráfico 3 - Participação das exportações agrícolas paranaenses nas exportações agrícolas brasileiras (Em percentual), 2000-2011



Fonte: Elaboração própria, com dados do MDIC, 2012a.

A trajetória das exportações agrícolas paranaenses no período analisado, tanto em valor (US\$) quanto em volume (Kg líquido) é apresentada em variação percentual sobre o ano anterior no Gráfico 4.

Gráfico 4 - Exportações agrícolas paranaenses (2001-2011) – variação % - valor (US\$) e volume (Kg líquido)



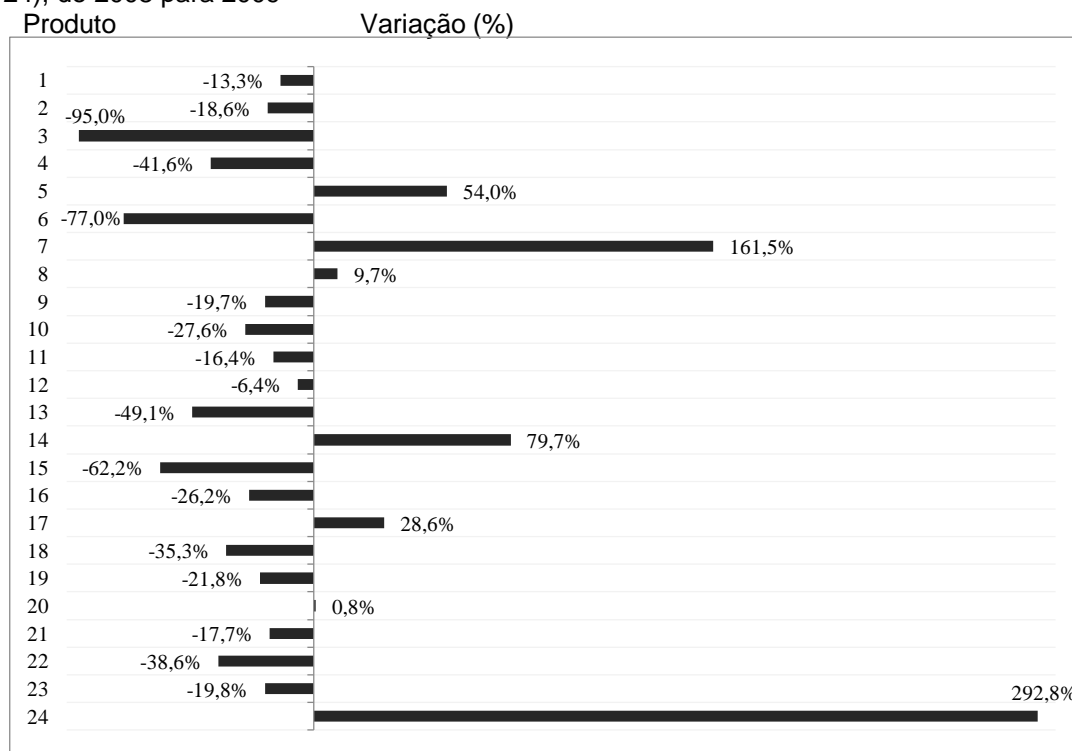
Fonte: Elaboração própria, com dados do MDIC, 2012a.

Pode-se verificar, pelo Gráfico 4, que no ano de 2001, o volume exportado teve uma explosão no crescimento, o que demonstra a sua predominância na composição do valor exportado para esse ano. Já em 2002, o volume exportado apresentou uma variação negativa e passou a apresentar crescimentos não muito significativos, chegando a decrescer em alguns anos. De 2002 a 2004, fica claro que o valor exportado aumentou muito mais em função dos preços do que em função do volume, e no biênio seguinte, 2005 e 2006, o volume voltou a ter influência significativa. Nas vésperas da crise, os índices de preços apresentaram recordes de crescimento, batendo a casa dos 30% em 12 meses, e foram responsáveis pelas altas

do valor exportado em 2007 e 2008. Em 2009, a queda também foi ditada pelo índice de preços. Segundo Ribeiro (2009), entre setembro de 2008 e março de 2009 a queda dos preços dos produtos básicos foi de 30,7%.

A queda ocorrida em 2009 (-19,38%), causada pela crise de 2008, pode ser visualizada no Gráfico 5, que mostra a variação percentual de 2008 para 2009 das exportações agrícolas do Paraná desagregadas por capítulos SH do 1 ao 24³.

Gráfico 5 - Variação percentual (%) das exportações agrícolas paranaenses, por capítulos SH (1- 24), de 2008 para 2009



Fonte: Elaboração própria, com dados do MDIC, 2012d.

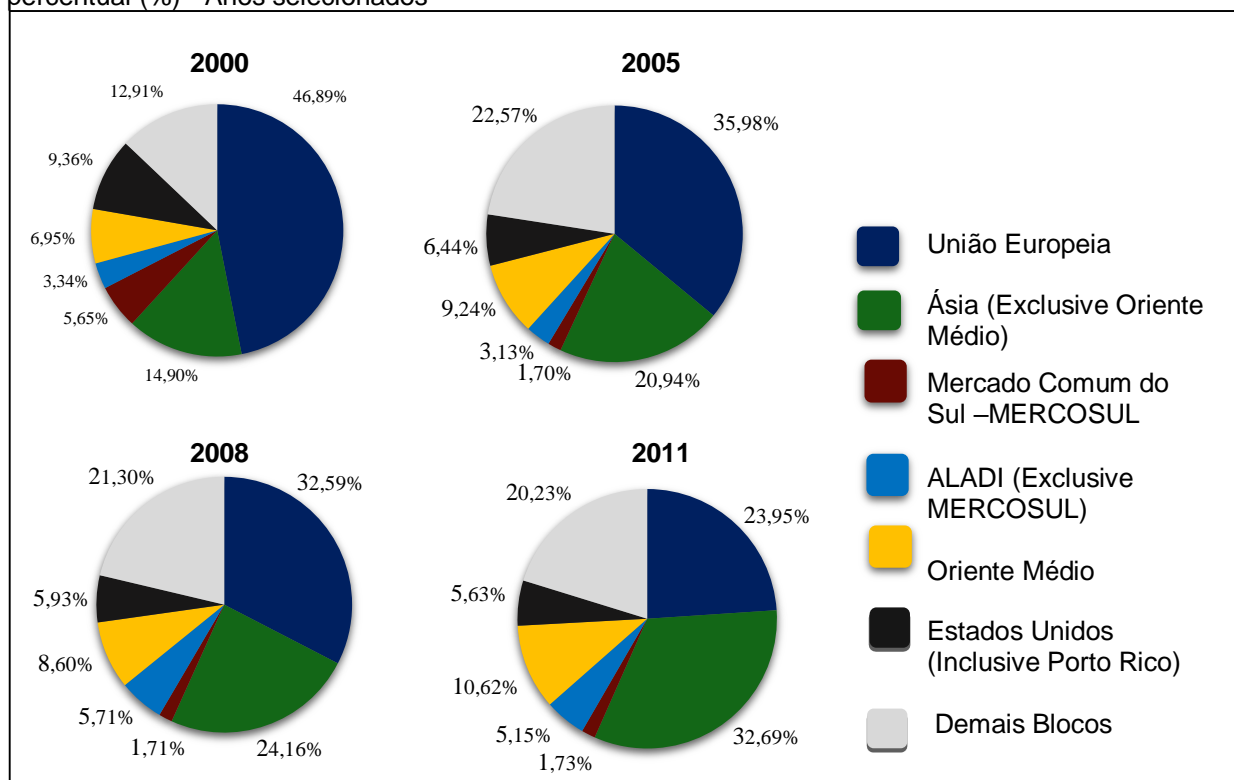
Nota: Para o capítulo 3 a variação (%) foi calculada de 2007 para 2009.

Pode-se observar que, dos vinte e quatro capítulos, apenas sete tiveram variação positiva em 2009. O capítulo 24, que se refere aos produtos do tabaco, foi o que mais cresceu, teve incentivo de custos para produzir mais e exportar. O capítulo 7, que se refere aos produtos hortícolas, plantas, raízes e tubérculos comestíveis, nos sugere que a alta de 161,5% não teve impactos com queda de preços das principais *commodities*. Além deste, os capítulos 5, 8, 14, 17 e 20 também apresentaram variação positiva. Os demais (1, 2, 3, 4, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 18, 19, 21, 22 e 23) sofreram o reflexo negativo da crise e decresceram em 2009, com quedas significativas no geral, com uma média de 34,5% de retrocesso.

Na Figura 1, são apresentados os principais blocos econômicos e a participação deles como mercado importador dos produtos agrícolas paranaenses.

³ Os produtos que fazem parte desses 24 capítulos SH podem ser consultados no Anexo, Quadro1A (MDIC, 2012c).

Figura 1 - Exportações agrícolas paranaenses para os principais blocos econômicos, em participação percentual (%) - Anos selecionados

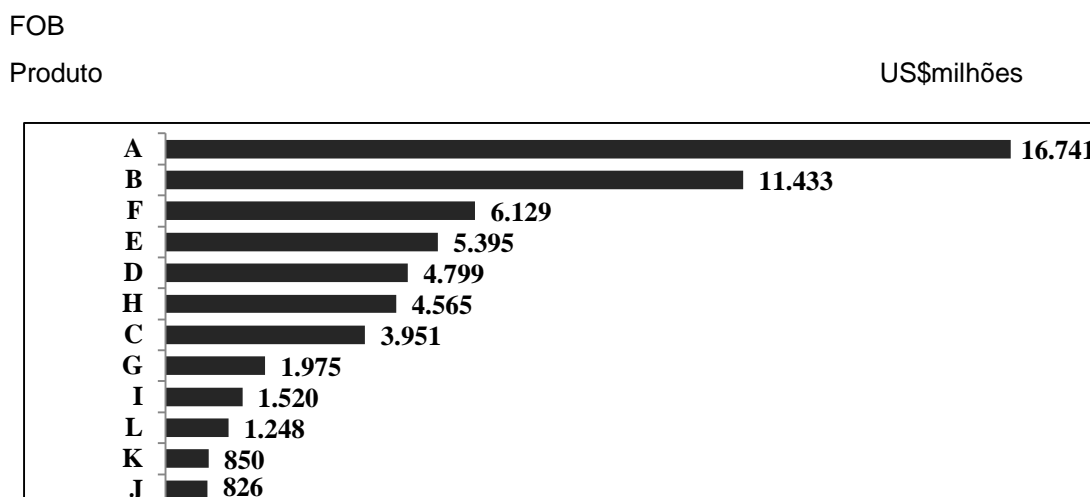


Fonte: Elaboração própria, com dados do MDIC, 2012a.

Nota-se pela Figura 1 que, a União Europeia (UE) tinha participação predominante na importação desses produtos no ano de 2000 (46,89%). Com o passar dos anos, o bloco foi perdendo espaço e chegou em 2011 com uma participação de 23,95%. Quem cresceu como mercado importador foi a Ásia, que passou de 14,9% em 2000, para 32,69% em 2011. O Oriente Médio e o ALADI (Associação Latino Americana de Integração) foram mercados que aumentaram a sua participação, enquanto os Estados Unidos e o Mercosul reduziram a participação nesse período. Em 2000, estes seis mercados representavam 87,09% do destino dos produtos agrícolas do Estado. Já em 2011, essa representatividade passou para 79,77%, o que significa que outros mercados passaram a importar um pouco mais.

Foram selecionados os 12 principais produtos agrícolas exportados pelo Paraná entre 2000 e 2011. O Gráfico 6 apresenta o montante exportado por estes principais produtos ao longo do período analisado. Fica clara a importância que o complexo soja tem para o Estado, sendo que os produtos A (Outros grãos de soja, mesmo triturados) e B (Bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja) foram os mais exportados nos 12 anos, além dos produtos C (Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado) e I (Óleo de soja, refinado, em recipientes com capacidade >5L) que também fazem parte do complexo soja. Um segundo complexo importante é o de carnes, representado pelos produtos D (Carnes de galos/galinhas, não cortadas em pedaços, congeladas), G (Pedaços e miudezas, comestíveis de galos/galinhas, congelados) e K (Outras carnes de suíno, congeladas); sendo dois relacionados à carne de frango e um relacionado à carne de suíno. Outras importantes *commodities* exportadas pelo Estado são o café, o açúcar de cana, o milho em grão e do álcool etílico.

Gráfico 6 - Principais produtos agrícolas exportados pelo Paraná entre 2000 e 2011, em milhões de US\$ FOB



Fonte: Elaboração própria, com dados do MDIC, 2012a

Essa ordem dos produtos obtida pela exportação total ao longo dos anos analisados não é a mesma obtida no ano de 2011, tão pouco a que era no ano de 2000. Os produtos foram alternando posições no decorrer dos anos, e a ordem obtida pelos 12 produtos no início e no fim do período é apresentada na Tabela 1. Destacam-se os produtos A e B, em todos os anos, e a ascensão das exportações dos produtos E e G.

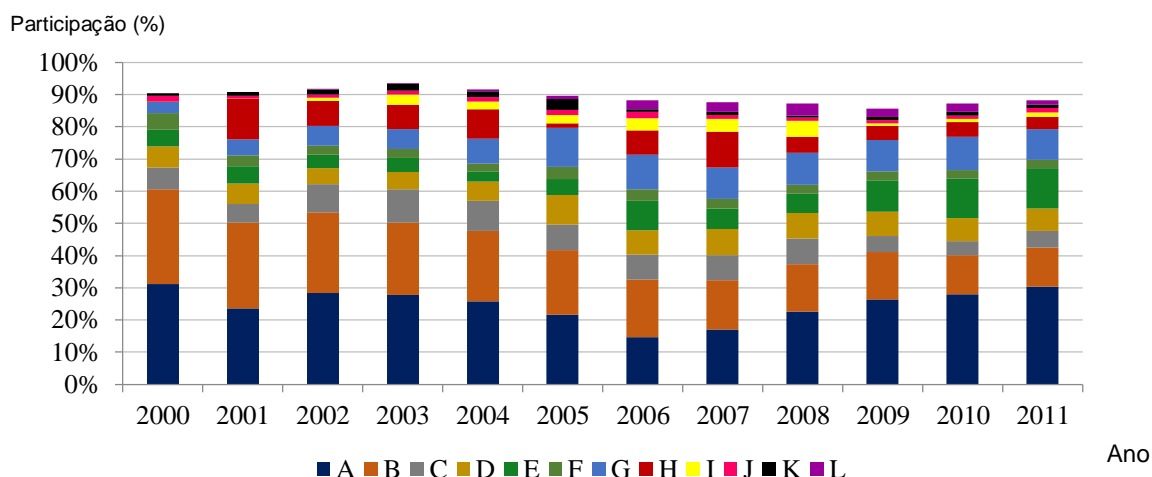
Tabela 1 – Ordem dos principais produtos agrícolas exportados pelo Paraná em 2000 e 2011

Produto	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
2000	1	2	3	4	5	6	7	11	10	8	9	12
2011	1	3	6	5	2	8	4	7	11	9	12	10

Fonte: Elaboração própria, com dados do MDIC, 2012a.

A importância desses produtos pode ser observada pelo Gráfico 7, o qual apresenta a participação dos 12 principais produtos agrícolas exportados pelo Paraná nas exportações agrícolas totais do Estado, de 2000 a 2011.

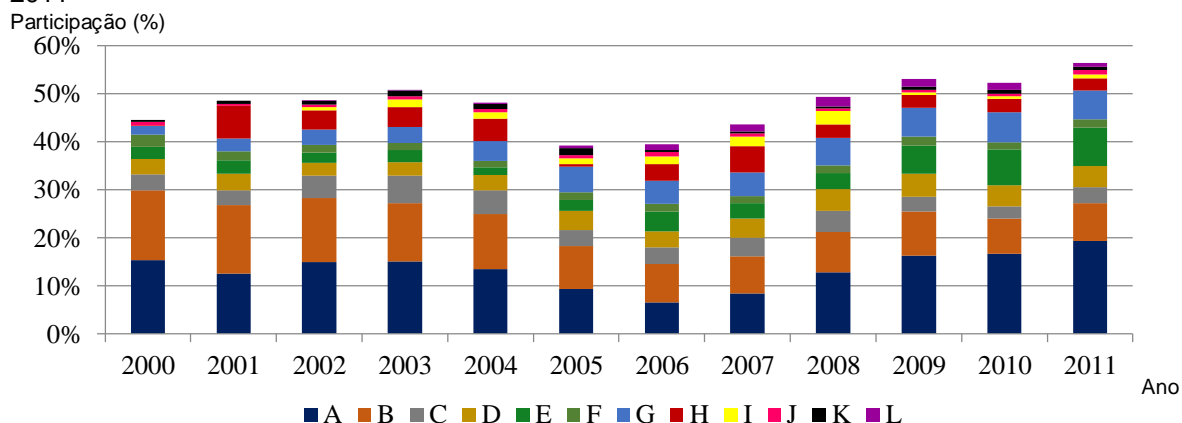
Gráfico 7 - Participação dos 12 principais produtos agrícolas nas exportações agrícolas do Paraná, 2000-2011



Fonte: Elaboração própria, com dados do MDIC, 2012a.

Pode-se observar pelo Gráfico 7 que, desde 2000 estes 12 produtos já tinham uma alta participação nas exportações agrícolas do Estado, precisamente 90,4%. Atingiram um pico de 93,46% em 2003, e um mínimo de 85,61% em 2009. A média geral do período foi de 89,29%. O Gráfico 8 mostra a participação dos 12 principais produtos agrícolas nas exportações totais do Paraná, de 2000 a 2011.

Gráfico 8 - Participação dos 12 principais produtos agrícolas nas exportações totais do Paraná, 2000-2011

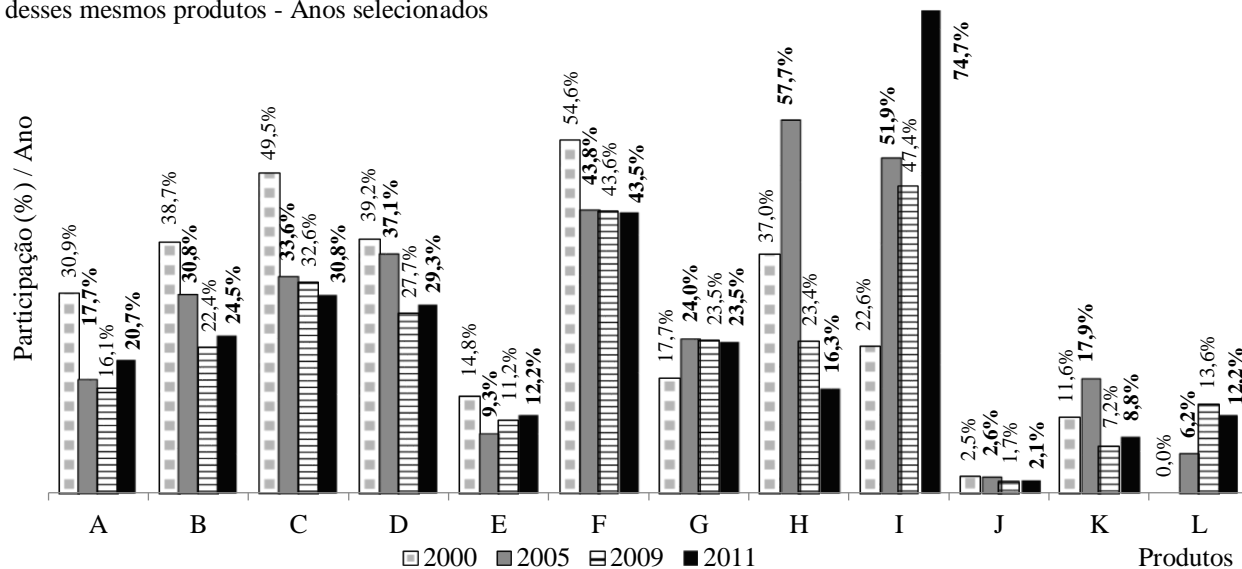


Fonte: Elaboração própria, com dados do MDIC, 2012a.

Verifica-se pelo Gráfico 8 que, esses produtos no ano de 2000 já representavam mais de 40% do total geral exportado pelo Paraná, precisamente 44,6%. Em 2003, ultrapassaram 50% e atingiram o mínimo de 39,18% em 2005. A partir daí, a participação desses produtos na pauta exportadora seguiu em trajetória ascendente, batendo o recorde de 56,42% em 2011. Ou seja, 56,42% das exportações totais do Paraná são constituídas por 12 produtos agrícolas, sendo que em 2011 praticamente 20% da exportação total foi representada pelo produto A - outros grãos de soja, mesmo triturados.

A representatividade do Paraná nas exportações desses produtos a nível nacional pode ser visualizada no Gráfico 9, para alguns anos selecionados.

Gráfico 9 - Participação dos 12 principais produtos agrícolas exportados pelo Paraná nas exportações brasileiras desses mesmos produtos - Anos selecionados



Fonte: Elaboração própria, com dados do MDIC, 2012a.

O maior destaque pode ser atribuído ao produto I, do qual 22,6% de suas exportações no ano de 2000 foram paranaenses, e em 2011 esse percentual saltou para 74,7%. Outras participações significativas são para os produtos F, H, C e D. Em uma comparação do início e do final do período, com exceção dos produtos G, I e L, em todos os demais o Paraná apresentou variação decrescente na participação, com quedas de até 20 p.p.. O produto para o qual a exportação paranaense é menos importante na composição da exportação brasileira é o J. Em geral, na última década, o Paraná perdeu participação nacional nas exportações de produtos agrícolas. Em partes, o esgotamento das fronteiras agrícolas paranaenses, ocorrido já há anos, faz com que o Paraná tenha que se garantir com crescimento intensivo, enquanto Estados como Mato Grosso e Minas Gerais conseguem crescer de forma extensiva e ganharam participação na pauta exportadora nacional. Além disso, a expansão da produção de soja para áreas do Centro-Oeste gerou um deslocamento dos corredores de exportação do principal produto exportado pelo Paraná.

A evolução de cada um dos 12 principais produtos agrícolas da pauta de exportação paranaense pode ser analisada por meio dos gráficos contidos na Figura 2, os quais mostram a variação percentual em relação ao ano anterior, em valor (US\$) e volume (Kg líquido).

O produto A - apresentado no primeiro gráfico da Figura 2, obteve um crescimento do volume exportado em torno de 10% em 2001, em relação a 2000, enquanto o valor exportado registrou uma baixa de -0,72%. O *boom* ocorrido nos preços internacionais das *commodities* no ano anterior a crise e nos meses de véspera, tiraram as exportações desse produto de dois anos de recordes negativos, no período analisado, e levaram para dois anos de recordes positivos: 58,91% em 2007 e 86,94% em 2008. Nesses dois anos, o crescimento do volume não foi muito expressivo. O valor exportado voltou a patamares negativos refletindo a forte queda nos preços internacionais das *commodities* após a explosão da crise, além dos preços terem caído também em função das safras recordes de soja produzidas pela Argentina e pelos Estados Unidos. Em 2010, o crescimento do volume exportado foi superior ao aumento do valor. Todavia, em 2011 o valor novamente foi puxado pelo índice de preços.

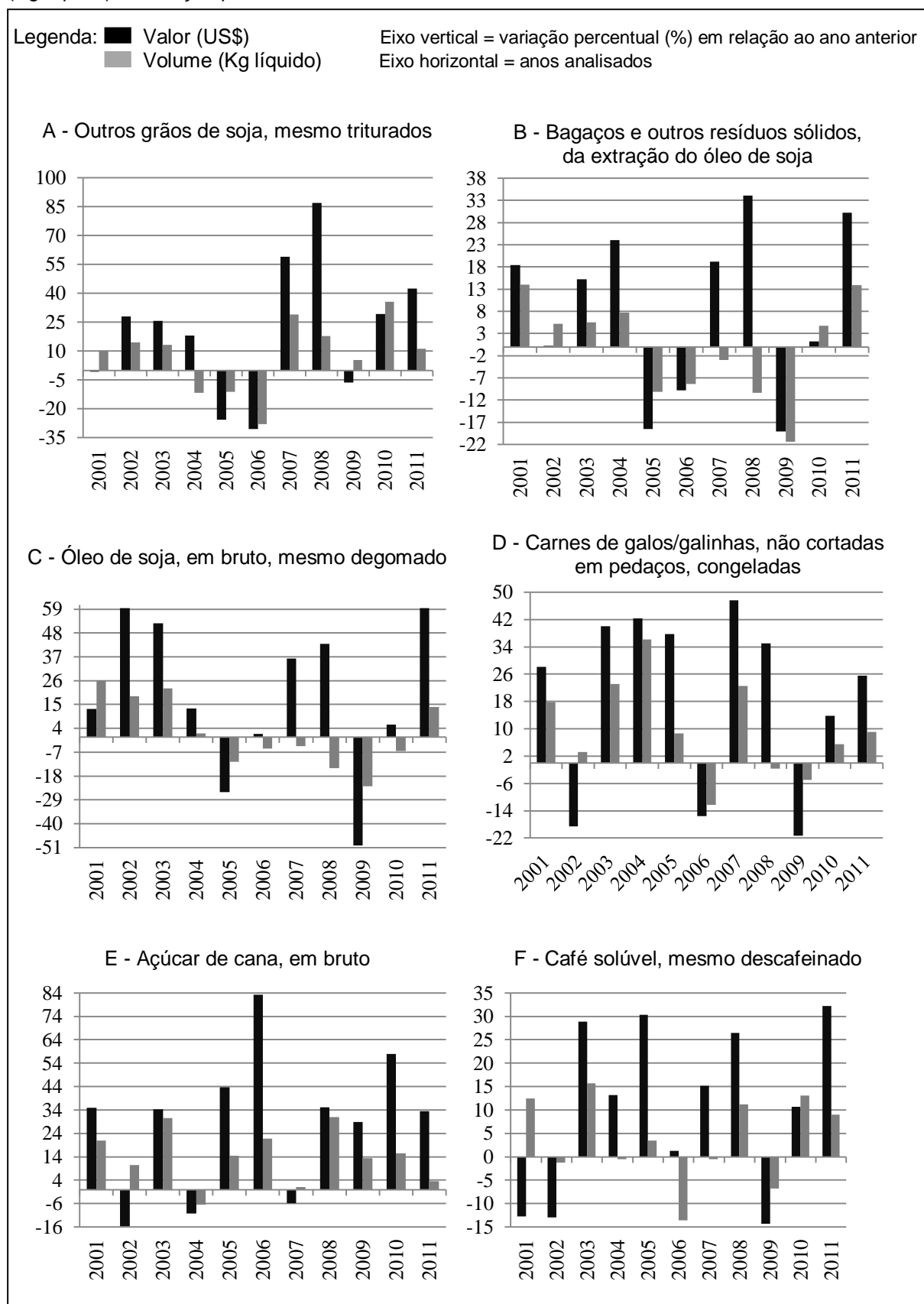
O produto e gráfico B da Figura 2 apresentou variações positivas tanto do valor quanto do volume exportado até o ano de 2004, refletindo a propagação do comércio mundial e a recuperação dos preços internacionais das *commodities*. Em 2005, as variações atingidas foram negativas, com o valor obtendo uma queda superior a 18%. Já em 2007, o valor exportado se recuperou e bateu recorde em 2008, com pico de 34,15%, nitidamente puxado pelas altas nos preços, pois o volume exportado permaneceu com variações negativas nesses dois anos. O impacto da crise resultou numa forte queda na exportação desse produto em 2009, o qual obteve uma recuperação acentuada no ano de 2011, com o valor exportado crescendo acima de 30% sobre o ano anterior.

Com relação ao produto C, a Figura 2 mostra que as maiores quedas do valor exportado foram obtidas nos anos de 2005 e logo após a crise, em 2009. Com o declínio nos preços internacionais, as empresas obtêm mais vantagens destinando o óleo para a produção de biodiesel do que o destinando à exportação, pois, segundo Barros (2010), a fabricação do biodiesel brasileiro conta com mais de 80% da matéria-prima advinda do óleo de soja. O volume exportado apresentou uma fraca variação positiva em 2004 e percorreu seis anos de variações negativas, voltando a crescer em 2011. Mais um produto que reflete claramente a força superior dos preços, em relação à quantidade exportada, na composição do valor exportado.

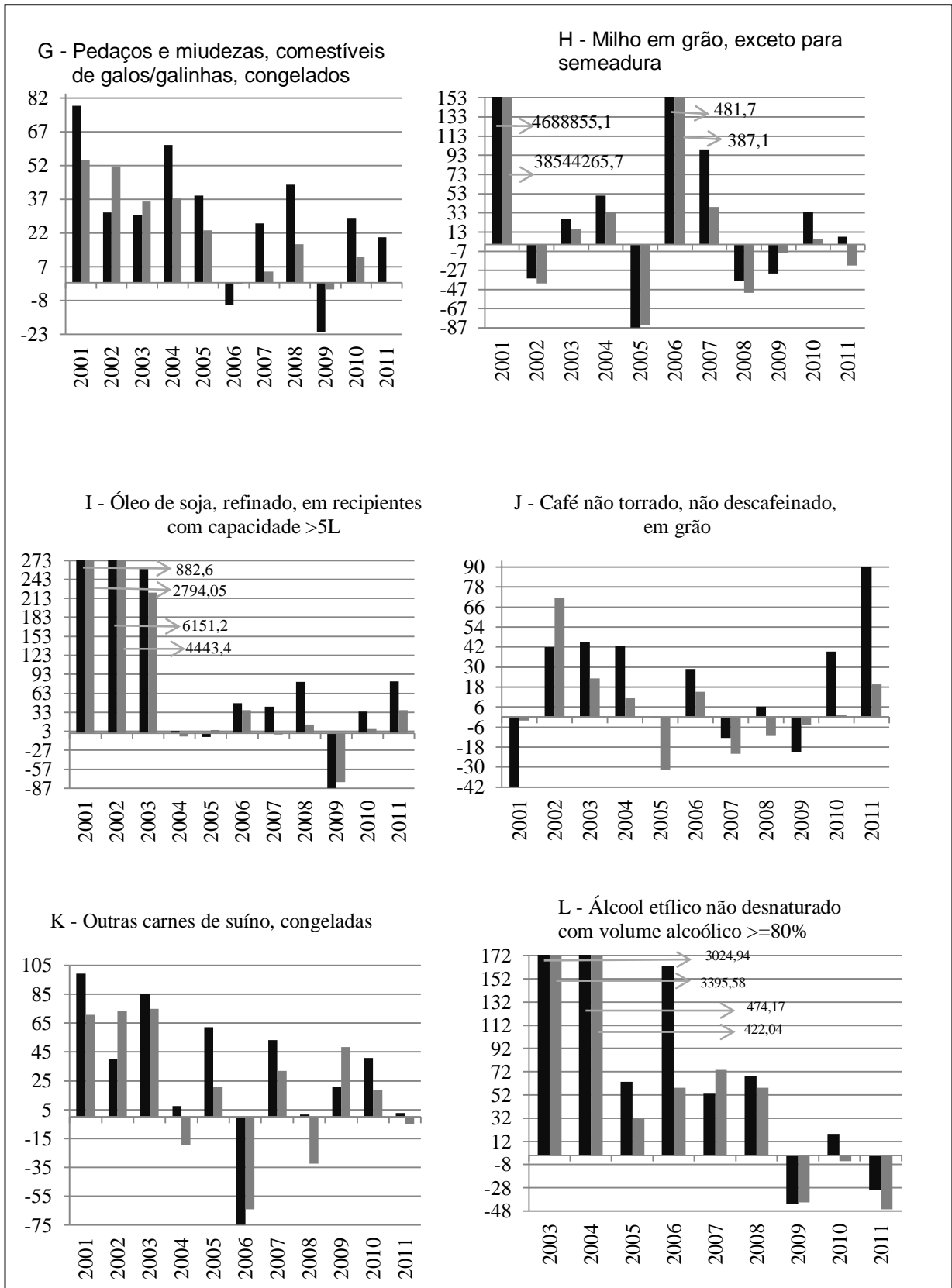
O produto D, Figura 2, após apresentar uma queda do valor exportado em 2002, seguiu até 2005 com crescimento médio em torno de 40%. Apresentou quedas em 2006 e 2009. Os aumentos obtidos nos dois últimos anos foram inferiores aos apresentados nos anos anteriores à crise de 2008. Quanto ao volume, a trajetória foi semelhante, com quedas em 2006, 2008 e 2009 e variações positivas não muito significativas em 2010 e 2011.

O produto E apresentou crescimentos elevados no valor exportado de 2001 a 2006, com exceções dos anos de 2002 e 2004. Ao contrário dos outros produtos analisados, em 2006 o aumento do valor foi de 83,31%, comparado ao ano anterior. Já o volume exportado, apresentou variação positiva pouco relevante em 2006. Em 2007, o aumento do volume foi pífio, em torno de 1%, enquanto o valor teve variação negativa de 5,83%. Após a crise de 2008, o volume e o valor exportado apresentaram variações positivas.

Figura 2 – Exportação dos principais produtos agrícolas paranaenses, em valor (US\$) e em volume (Kg líquido) – Variação percentual, 2001-2011



Continua



Fonte: Elaboração própria, com dados do MDIC, 2012a

O valor exportado do Produto F, Figura 2, se recuperou em 2003, após dois anos de variações negativas, e cresceu 30,37% em 2005. A trajetória ascendente foi interrompida em 2006, e como reflexo do comportamento dos preços internacionais voltou a se recuperar em 2007 e 2008 e declinou em 2009. Após a crise, a recuperação do valor exportado foi sentida em 2011 com o recorde de crescimento de 32,21%. A maior variação positiva apresentada pelo volume exportado foi de 15,64% no ano de 2003, nos demais anos, o crescimento foi inferior a esse, quando não negativo.

O produto G – Figura 2 – apresentou, ao longo do período analisado, uma forte queda no crescimento tanto do valor quanto do volume exportado. Em 2001, o valor aumentou 78,57%, em relação a 2000. A partir daí, o crescimento foi menor, chegando a ser negativo em 2006 e 2009. Em 2011, o valor apresentou um aumento de 20,02%. O volume exportado obteve um crescimento de 54,59% em 2001 e, posteriormente, as variações positivas foram menores, apresentando quedas nos anos de 2006, 2009 e 2011.

Pode-se verificar na Figura 2 que, para o produto H o crescimento obtido pelo valor exportado, de 2000 para 2001, foi de 4688855,1% e pelo volume exportado foi de 38544265,7%. Esse salto explica-se pela safra volumosa de milho produzida pelo Brasil no ano de 2001, resultando em um alto excedente de produção o que, por sua vez, proporcionou exportação recorde. Já em 2002, ambos os índices variaram negativamente e em 2005 registraram fortes quedas: 87,75% para o valor e o volume decresceu 84,2%. Isso se explica pela apreciação do real frente ao dólar e pela quebra da produção nacional. Em 2006, ambos os índices apresentaram um segundo pico de crescimento, sendo de 481,66% para o valor e de 387,1% para o volume. No ano da crise, essas exportações caíram, puxadas pela queda nos preços e pela deterioração da demanda dos países de destino. Em 2010, tiveram uma recuperação e em 2011 o volume voltou a cair significativamente enquanto o valor apresentou um pequeno aumento.

Quanto ao produto I da Figura 2, pode-se observar que tanto o valor quanto o volume exportado apresentaram crescimento elevadíssimo no início do período. A baixa exportação no ano de 2000 levou a um crescimento para o ano de 2001 de 882,6% no valor exportado e de 2794,05% no volume. No ano seguinte, o crescimento foi ainda mais elevado e permaneceu alto em 2003. As variações nos anos de 2004 e 2005 foram mínimas, comparadas com os três primeiros anos da análise. Este produto também sentiu os efeitos da crise, e teve a maior queda registrada no ano de 2009, acima de 85%, voltou a se recuperar em 2010 e atingiu um maior crescimento em 2011.

O produto J da Figura 2 apresentou uma queda acima de 40% de 2000 para 2001, mas já em 2002 atingiu um crescimento também acima de 40%, que se manteve até 2004. A variação do volume se destacou no ano de 2002, quando atingiu um pico de 71,87%, bem acima do crescimento do valor, podendo ser explicada pela demanda da Colômbia e Estados Unidos. Em 2005, houve uma queda significativa do volume exportado. Ao contrário da maioria dos outros 11 produtos analisados, em 2007 a variação nas exportações desse produto já foi negativa. O valor exportado se recuperou um pouco em 2008, em função do preço, visto que o volume permaneceu variando negativamente. No ano seguinte, o valor apresentou um bom crescimento, atingindo, em 2011, crescimento recorde do período, de 89,79%, claramente puxado pelos preços, uma vez que o crescimento do volume foi de 19,78%. Deve-se considerar que a área de plantio do café no Paraná apresentou queda no período analisado, sendo um dos motivos o custo da mão de obra, além de quedas nos preços

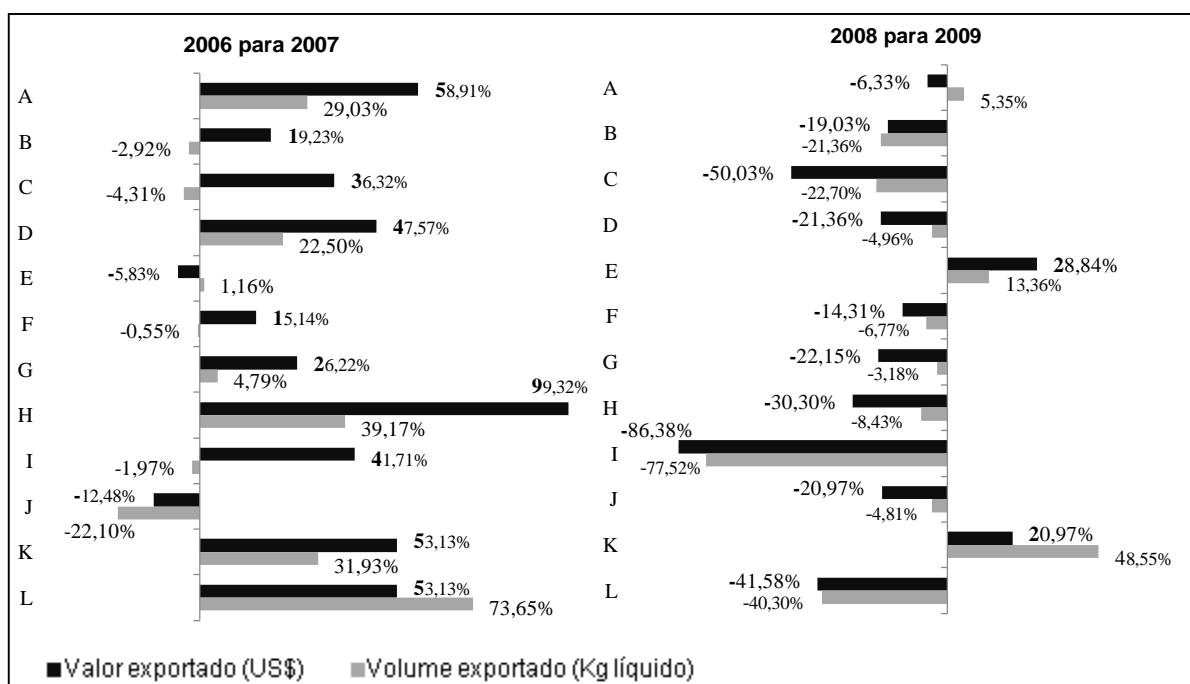
em determinados anos, todavia, preços altos no mercado internacional asseguram o plantio e permitem bons resultados na exportação como em 2011.

O produto K da Figura 2 apresentou um crescimento no valor exportado de 99,13% de 2000 para 2001 e só obteve queda no ano de 2006 (-74,81%). A variação do volume acompanhou as altas variações positivas do valor até 2003, sendo que em 2002 o volume cresceu mais de 70%, obtendo maior participação na composição do valor exportado. Em 2008, apenas o volume teve variação negativa. Em 2009, o crescimento do volume foi superior ao crescimento do valor exportado. Já em 2010, o valor atingiu 40,94% de aumento, enquanto o crescimento do volume foi menor do que o do ano anterior. Em 2011, o volume apresentou uma queda de 5,01% e o valor teve um pequeno crescimento de 2,83% (Figura 2).

O produto L da Figura 2 começou a ser exportado em 2002. A partir daí, houve um *boom* no crescimento tanto do valor quanto do volume exportado, sendo de 3024,94% e de 3395,58%, respectivamente, de 2002 para 2003. Isso pode ser explicado pela busca mundial por fontes de energia limpa e reduções de poluentes. As variações positivas continuaram elevadas até 2008 (Figura 2). Após a crise, os dois índices caíram mais de 40%, o valor teve uma pequena recuperação em 2010, mas já em 2011 ambos novamente apresentaram variação negativa: -46,62% para o volume e -29,97 para o valor exportado.

A Figura 3 apresenta a variação percentual de 2006 para 2007 e também de 2008 para 2009 dos 12 principais produtos agrícolas exportados pelo Paraná, em valor e volume.

Figura 3 - Variação percentual de 2006 para 2007 e de 2008 para 2009 dos doze principais produtos agrícolas exportados pelo Paraná, em valor (US\$) e volume (Kg líquido)



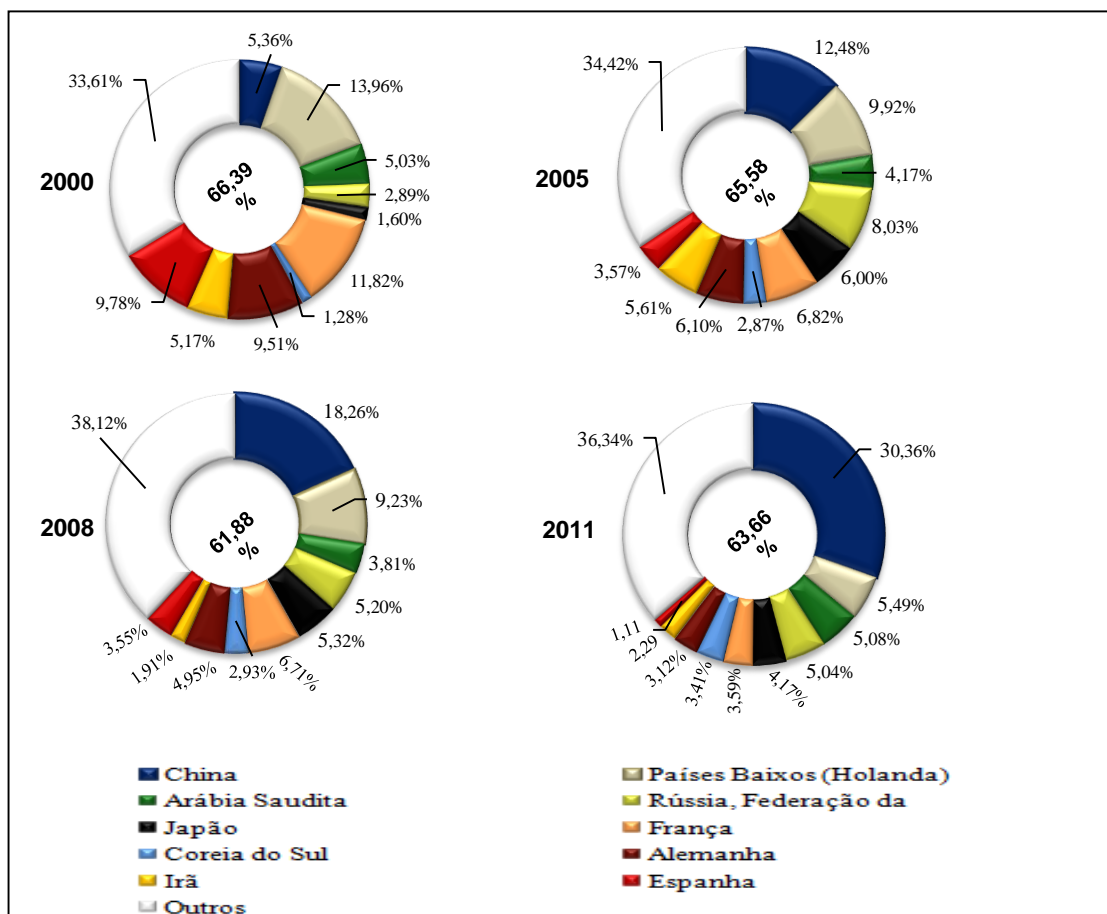
Fonte: Elaboração própria, com dados do MDIC, 2012a.

O primeiro gráfico da Figura 3, de 2006 para 2007, deixa nítido o fato de a exportação da agricultura paranaense estar a todo vapor no período imediatamente anterior à crise. Nota-se que, dos doze produtos, apenas o produto J já havia apresentado variação negativa tanto do volume quanto do valor exportado. Além dele,

o volume teve pequenas quedas para os produtos B, C, F e I, e o valor teve um decréscimo de 5,83% para o produto E. Todos os outros produtos aumentaram as suas exportações de 2006 para 2007, a taxas consideráveis, em sua maioria. Apenas o produto L apresentou crescimento do volume exportado superior ao valor, confirmando a influência dos altos preços praticados no mercado internacional das *commodities*. Nota-se que, de 2008 para 2009, apenas os produtos E e K tiveram crescimento no valor e volume exportado, e o produto A teve uma pequena variação positiva no volume. Todos os outros produtos apresentaram queda nas exportações no ano de 2009, com destaque para o produto I. As maiores quedas são referentes ao valor exportado, em resposta a queda brusca dos preços internacionais das principais *commodities* agrícolas decorrente da crise de 2008.

A alteração no destino dos 12 produtos agrícolas pode ser observada pela Figura 4, a qual mostra a participação percentual dos principais países importadores nos anos 2000, 2005, 2008 e 2011.

Figura 4 – Principais países de destino dos doze principais produtos agrícolas exportados pelo Paraná – Anos selecionados (participação %)



Fonte: Elaboração própria, com dados do MDIC, 2012a.

Pela Figura 4 nota-se que, o grande destaque entre os países importadores é a China, pois em 2000 este país importava 5,36% do total exportado pelos doze produtos e no ano de 2011 importou sozinha nada menos do que 30,36%. Entre os que perderam participação estão a Holanda, a França, a Alemanha e também a Espanha. A queda nas importações dos países europeus no ano de 2011 é explicada em parte pela crise na Zona do Euro. A Rússia, Japão, Coreia do Sul e Arábia Saudita aumentaram a participação. O Irã aumentou a sua participação em 2005, porém perdeu espaço nos anos seguintes. Com exceção da China, o aumento na participação dos outros países foi pouco significativo em termos de p.p. No geral, pode-se perceber que o destino desses produtos, ao longo do período, migrou da UE para a Ásia. Observa-se também que estes dez países representam juntos mais de 60% das importações desses produtos, desde 2000.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, pode-se constatar que as exportações paranaenses seguiram uma trajetória ascendente no período analisado. As importações apresentaram trajetória semelhante, sendo que a balança comercial apresentou déficit nos anos de 2000 e 2011. As exportações do Paraná representaram, em média, 8,19% das nacionais. Com relação à inserção da agricultura paranaense no mercado externo, constata-se que o setor agrícola manteve uma participação elevada nas exportações do Estado, com média de 53,62%. A participação do Estado nas exportações agrícolas brasileiras obteve uma média de 15,31%.

Quanto à trajetória das exportações agrícolas paranaenses, pode-se verificar que, em doze anos, o valor exportado decresceu apenas em 2005 e em 2009. Dentre os produtos agrícolas exportados, foram identificados 12 principais. Estes produtos juntos representaram, em média, 89,29% das exportações agrícolas do Estado. Em 2011, foram responsáveis por 56,42% das exportações totais paranaenses. O produto A (Outros grãos de soja, mesmo triturados) se destaca como o mais importante na pauta de exportação, sendo que em 2011 foi responsável por 30,34% das exportações agrícolas e por cerca de 20% das exportações totais.

Da exportação agrícola nacional, destacam-se o produto A com queda na participação do Paraná e o produto I (Óleo de soja, refinado, em recipientes com capacidade >5L) com ascensão na participação do Estado. Quanto aos destinos dos 12 produtos, a China é o grande destaque: importava 5,36% em 2000 e passou a importar 30,36% em 2011. Mais de 60% dessas exportações concentram-se em 10 países, sobretudo da Ásia e UE.

De maneira geral, o Paraná aumentou nos últimos anos a participação da agricultura nas exportações totais estadual, por outro lado, perdeu participação na composição das exportações agrícolas nacionais para Estados como o Mato Grosso e Minas Gerais. Frente a um esgotamento das fronteiras agrícolas, impossibilitando o seu crescimento expansivo, coube ao Estado crescer de forma intensiva aumentando a sua produtividade. Todavia, a melhor produtividade já apresentada, mas ainda assim, baixos investimentos em infraestrutura e inovações tecnológicas, não garante a competitividade dos produtos agrícolas no mercado.

Outro ponto é que, além da agricultura não ser apenas mais um setor que compõe a pauta exportadora paranaense, sendo o Estado muito dependente da exportação de *commodities* e produtos de teor tecnológico e valor agregado baixos, as exportações agrícolas paranaenses se tornaram mais concentradas, tanto em

termos de produto quanto de mercados de destino. Nesse sentido, cabe ao Estado buscar dinamizar a pauta de exportação e angariar mercados diversificados e, para isso, precisa se preparar para enfrentar as exigências e barreiras externas que interferem nesses quesitos.

Além disso, o valor na pauta dos principais produtos agrícolas paranaenses tem se sustentado em função dos altos preços praticados no mercado mundial de *commodities*. Diante disso, a partir do momento em que esses preços começarem a cair, deixando de sustentar, as exportações paranaenses vão passar por um sério problema, pois estão desprovidas de um elemento pujante para o setor exportador agrícola. As importações não deixaram de aumentar e nada garante um saldo superavitário na balança comercial do Estado, tanto que em 2011 esse saldo foi negativo, apresentando uma queda, sobre o ano anterior, superior à apresentada em 2000, o último ano em que o Paraná tinha apresentado déficit na balança comercial.

REFERÊNCIAS

APEX-BRASIL. **Encomex Mercosul**. Disponível em:

<<http://www.apexbrasil.com.br>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

BACEN. **Boletim do BC – Relatório Anual**. Disponível em:

<<http://www.bcb.gov.br/default.asp?id=BOLETIMANO>>. Acesso em: 21 fev. 2013.

BARROS, H. P. **Exportação do complexo soja - Brasil diminuirá para US\$ 14 bilhões**. 27/01/2010. Disponível em: <<http://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/soja/61237-exportacao-do-complexo-soja-brasil-diminuira-para-uss-14-bilhoes--diz-abiove.html>>. Acesso em: 9 set. 2012.

FAEP. **Boletim Informativo**. Disponível em: <

<http://www.sistemafaep.org.br/boletim-informativo.aspx>>. Acesso em: 23 jan. 2013.

GREMAUD, A. P.; VASCONCELLOS, M. A. S.; TONETO JÚNIOR, R. **Economia brasileira contemporânea**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

IPARDES. **Indicadores ambientais por bacias hidrográficas do Estado do Paraná**. Curitiba: IPARDES, 2010. 223 p.

IPEADATA. **Base de dados: macroeconômico [diversos]**. Disponível em:

<<http://www.ipeadata.gov.br/>>. Acesso em: out./dez. 2012.

MAPA. **Intercâmbio comercial do agronegócio: principais mercados de destino**. Brasília: MAPA/ACS, 2012. 456 p.

MARKWALD, R.; PUGA, F. P. **Focando a política de promoção de exportações**. Rio de Janeiro: FUNCEX, set. 2002. (Texto para discussão n. 160).

MARKWALD, R.; RIBEIRO, F. Análise das exportações brasileiras sob a ótica das empresas, dos produtos e dos mercados. **Revista brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro, n. 85, p. 03-20, out./dez. 2005.

MDIC. **Consultas – Exportação 1997-2012**. Disponível em: <<http://aliceweb2.mdic.gov.br//consulta-ncm/index/type/exportacaoNcm>>. Acesso em: 06 fev. 2012a.

_____. **Balança comercial por unidade de federação**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=1078&efr=1076>>. 17 fev. 2012b.

_____. **Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) e Tarifa Externa Comum (TEC)**. Disponível em: <www.mdic.gov.br/arquivos/dwnl_1321470490.doc>. Acesso em: 28 jun. 2012c.

PICCININI, M. S.; PUGA, F. P. **A balança comercial brasileira: desempenho no período 1997/2000**. Rio de Janeiro: BNDES, set. 2001. (Texto para discussão n. 90).

RIBEIRO, F. J.; Uma breve avaliação dos primeiros impactos da crise internacional sobre os fluxos de comércio exterior do Brasil. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro, n. 99, p. 20-39, abr./jun. 2009.

ANEXO A

Quadro A1 - Produtos agrícolas do Sistema Harmonizado, capítulos do 1 ao 24

Capítulo	Descrição do produto
Seção I	Animais vivos e produtos do reino animal
1	Animais vivos.
2	Carnes e miudezas, comestíveis.
3	Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos.
4	Leite e laticínios; ovos de aves; mel natural; produtos comestíveis de origem animal, não especificados nem compreendidos noutros Capítulos.
5	Outros produtos de origem animal, não especificados nem compreendidos noutros Capítulos.
Seção II	Produtos do reino vegetal
6	Plantas vivas e produtos de floricultura.
7	Produtos hortícolas, plantas, raízes e tubérculos, comestíveis.
8	Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões.
9	Café, chá, mate e especiarias.
10	Cereais.
11	Produtos da indústria de moagem; malte; amidos e féculas; inulina; glúten de trigo.
12	Sementes e frutos oleaginosos; grãos, sementes e frutos diversos; plantas industriais ou medicinais; palhas e forragens.
13	Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais.
14	Matérias para entrançar e outros produtos de origem vegetal, não especificados nem compreendidos noutros Capítulos.
Seção III	Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras de origem animal ou vegetal.
15	Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras de origem animal ou vegetal.
Seção IV	Produtos das indústrias alimentares; bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres; tabaco e seus sucedâneos manufaturados
16	Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, de moluscos ou de outros invertebrados aquáticos.
17	Açúcares e produtos de confeitaria.
18	Cacau e suas preparações.
19	Preparações à base de cereais, farinhas, amidos, féculas ou leite; produtos de pastelaria.
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas.
21	Preparações alimentícias diversas.
22	Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres.
23	Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares; alimentos preparados para animais.
24	Tabaco e seus sucedâneos manufaturados.

Fonte: Elaboração própria, a partir do MDIC (2012c).

Recebido: 20/03 /2014

Aprovado: 24/07/2014